

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

LENDA

Depois da lenda da pulga, vamos dar aos nossos leitores a lenda do gafanhoto, o terrível gafanhoto, praga sem rival.

Segundo uma lenda arabe, este formidavel insecto é obra do diabo. Deus acabava de concluir a sua obra prima, o homem, quando Satanaz, erguendo os hombros, em signal de pouco caso, declara que fazia cousa melhor. O Creator accetta o desafio.

—Va lá, disse, dou-te o poder de animares com o sôpro da vida o ser que creares; percorre o universo, e volta d'aqui a um seculo.

Mettendo-se immediatamente em trabalho para fabricar um ser, Satanaz toma a cabeça do cavallo, os olhos do elephante, os cornos do antilope, o pescoço do touro, o peito do leão...

—Que falta mais? pergunta a si mesmo Satanaz, proseguindo na sua investigação pelo mundo:

Toma á avestruz as pernas finas, ao escorpião o ventre...

—A minha creatura, continúa o diabo, será condemnada a rojar-se pelo chão? Não! Quero que tenha azas.

Por muito tempo, no fundo dos infernos, Satanaz desenvolve toda a sua sciencia para reunir todos estes pedaços de animaes. Uns são demasiado grandes, outros excessivamente

pequenos. Lima, serra, corta, cola, ajusta e trabalha tão bem, que ao cabo de um seculo tem nas mãos um animal, pequenino, mas terrível. Sopra n'elle e dá-lhe vida.

—E então? diz-lhe o Creator.

—Aqui está o que a minha arte creou, respondeu-lhe o maldito.

—É, pois, esta, a obra do teu engenho? Pois bem! Em testemunho da tua fraqueza e da tua malvadez, pullule este animal sobre a terra.

Tal é a poetica origem dos gafanhotos, que, conforme a lenda arabe, resumem n'um ponto pequeno todos os moustros da terra.



Castigos chinezes

No vasto e original imperio, onde, ultimamente, se desenrolaram todas as peripecias d'uma guerra tremenda, a qualidade das penas está sempre em relação com a qualidade do culpado e a qualidade do delicto.

Prestowich, illustrado viajante austriaco, fornece-nos nas seguintes palavras os castigos e usos adoptados no grandioso imperio:

Os principes da familia imperial, mandarios e altos funcionarios, quando julgados criminosos são obrigados a rasgar o ventre e a arrancar as entranhas.

O parricidio, felicidio e fratricidio é punido com a pena do serrote,

isto é, o criminoso é serrado vivo da cabeça aos pés.

O homicidio voluntario é castigado com a impalação.

O roubo ou o furto com a força ou o cutello.

O adulterio com o arrancamento da pelle.

O envenenamento com o envenenamento.

O estupro em menor, acompanhado de violencia, com a mutilação.

O attentado contra o imperador com a pena de ser esartejado em vida, sendo o cadaver reduzido a cinzas.

O sacrilegio é punido com a fogueira.

Ora apesar da severidade de taes castigos, a China é o paiz onde os crimes apresentam um algarismo que horrorisa.

ADAGIOS E PROVERBIOS

«Deita-te tarde, levanta-te cedo e verás teu mal e o alheio.»

«Não ha segredo que, tarde ou cedo, não seja descoberto.»

«Comer sem beber, é cazar e não vêr.»

«Bem cego è, quem muito vê por ara de peneira.»

«Cento de vida, cento de renda e cem leguas de parentes.»

«Quem deve cento, e tem cento e um, não teme a nenhum.»

Cento de um ventre, cada um de sua mente.»

Quem no jogo faz um erro, faz cento.»

«Mais vale um dia do discreto, que um cento do nescio.»

«Um sabor tem cada caça; mas o porco um cento alcança.»

«A boa cepa, em maio a deita.»

«De boa cepa planta a vinha, e de boa mãe a filha.

«Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.»

«De flor de Janeiro, ninguem enche celleiro.»

«Horta nem celleiro, não quer companheiro.»

«A mulher e a cereja, por seu mal se enfeita.»

«Ao homem farto, as cerejas lhe amargam.»

«A preguiça è a chave da pobreza.»

JULHO

Em Deus ajudando,
vae em julho mercando.

Quem ara e fia,
ouro cria.

Quem trabalha em julho,
para si trabalha.

A geira de maio,
vale os bois e o carro:
a geira de julho,
vale os bois e o jugo.

Quem tem casal de renda,
semente de meias e bois de aluguer
quer o que Deus não quer.

Proverbios e maximas.

AS MENINAS DOS OLHOS

«Quando o Senhor, vendo a tristeza de Adão, baixou ao mundo, resolvido a dar-lhe uma companheira, vieram com elle uns cherubins formidaveis, armados de gladios, e uns anjos pequeninos, que, esvoaçando em enxame, desciam pelos raios do sol, rindo e batendo as azas.

Viram toda a genese da mulher, e, quando Eva, creada, despertou no Paraizo, os anjos pequeninos entoaram hymnos, saudando a perfeita Belleza. E o Senhor só então viu que estava completa a sua obra.

As duas creaturas olharam-se sem pasmo, e logo, sentindo-se atraídas, procuraram-se, dando-se as mãos, e, juntas, sorrindo, seguiram pelas sombras amenas e fragrantas, e Jehovah, conclamando os anjos, deixou o casal feliz, subindo aos céus.

Já iam longe, quando dois dos pequeninos que haviam ficado desatrabalhados passeando ao sol pelos cabellos finos de Eva, deram pela ausencia dos seus irmãos divinos e do proprio Deus.

Afflictos, levantaram vôo demandando a altura. Ah! mas era tão alto o céu! . . . e custa tanto subir! Já descoroçados, lamentavam-se, pousados ambos em uma violeta, quando um d'elles, com um gritinho de surpresa, disse ao companheiro: «Ora! como somos ingenuos! Temos o céu tão perto!» e apontou.

Eva deitara-se preguiçosa na relva e olhava as altas froades, quando os dois anjos pequeninos, batendo as azas, baixaram sobre o seu rosto, e o mais esperto disse, rindo e debruçando-se-lhe sobre as palpebras:

— «Não vês? è o céu. . . è a mesma côr do céu, è o mesmo brilho, è a mesma curva. . . »

E outro accrescentou:

— «E nós que o julgavamos tão longe!»

E cada um dos pequenos anjos tomou conta de uma das pupillas azues de Eva, a maravilhosa.

Chegando ao alto céu, contando os anjos, o Senhor deu por falta dos dois pequenitos. Muitos cherubins foram mandados a percorrer todo o espaço, procurando-os, e como tornassem aos céus sem elles, o Senhor,

indignado, amaldiçoou os pequenos anjos.

— Preferistes a terra ao Paraíso, pois n'ella ficareis para todo o sempre.

Quando o Senhor assim fallava, os pequeninos anjos, satisfeitos, diziam das pupillas azues de Eva, a maravilhosa:

— «E nós que julgavamos o céu tão longe, quando tão perto o tinhamos!» . . .

.....
Ahi tendas a lenda das meninas dos olhos. São pequeninos anjos, que, tresmalhados da comitiva do Senhor, buscaram abrigo nos pequenos céus dos olhos de Eva.

J. de N.

PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções, adagios e anexias.

Mal por mal antes o Marquez de Pombal

O reinado de D. José, sob a acção exclusiva do Marquez de Pombal, essa que, segundo a voz do povo, *tinha cabellos no coração*, é apreciado por um meio indirecto, comparando-o com os abusos e insensatez do intolerantismo do reinado de D. Maria I; assim, perpetuou-se o anexim:

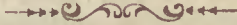
Mal por mal

Antes o Marquez de Pombal.

Levar com o sacco nas pernas

Depois que os costumes se extinguem ainda se mencionam em actos e formas emblematicas; é a este phenomeno ethnologico que se dá o nome de

Symbolo. Em Abrantes existe uma locução: *Levar com o sacco nas pernas*, para significar que alguém vai casar, alludindo á obrigação de sustentar a familia, indo muitas vezes ao celleiro buscar o grão fiado.



LENDA DA RAINHA SANTA

Andava a Santa Rainha
Pelas ruas de um logar:
O sequito que ella tinhã
Eram pobres a resar;
Eram viúvas com filhos
E coxos a coxear;
Eram cegos soluçando
D'aquelle mal de cegar;
Eram creanças de peito
Que não tinham que mamar;
Eram monstros já sem bocca,
Sem bocca para implorar,
E leprosos, coitadinhos,
A sua lepra a arranhar.

Abençoada Rainha
Que a todos vae consolar!

Que humilde que vae, a nobre
Rainha Dona Isabel!
Nenhuma purpura a cobre,
Nem oiro, nem brocatel:
Vestem-na benções do pobre
E um vestido de burel,
Porque o oiro, prata e cobre
Vão no regaço da nobre
Rainha Dona Isabel,
As suas fallas são doces,
São como favos de mel;
Deita esmolas, ás manchieas,
Aquelle povo fiel;
E o oiro não tem medida,
E o cobre cae a granel.
Jã ao chagado de lepra
Lhe não queima tanto a pelle;
E os velhos se choram inda,
As lagrimas não tem fel,
Porque abençoam a Santa

(Gritam todos) Santa, Santa
Rainha Dona Isabel!

Mas eis El-Rey que apparece,
Que vinha de passeiar,
Com sua cõrte brilhante,
E ei-lo a Rainha a saudar:
«Que fazeis, Senhora minha
«Com essa gente a gritar?
«Porque sahistes sosinha,
«Que vos podem fazer mal?
«Que esconde vosso regaço,
«Rainha de Portugal?»
E a Rainha que não ama
Sua humildade mostrar,
A El-Rey responde logo:
«Eu ia pelos caminhos.
«Ia só a passeiar;
«Tolheu-me este pobre povo
«Que me estava a festejar;
«E o que levo no regaço
«São flores de bom cheirar,
«Que de arvoredos mui altos
«Mandeí agora cortar;
«E para vòs aqui trago
«Um lindo cravo real!»

Logo se abriu o regaço
Por milagre de pasinar,
E do oiro, prata ou cobre
Não havia nem signal;
Eram tudo lindas flores,
As mais lindas do logar,
Que por milagre divino
Alli vieram brotar.

Lá vae a Rainha Santa
Com El-Rey de Portugal.
El-Rei teve muito encanto
De aquella cravo real;
Na cabeça da Rainha
Um resplendor a allumiar:
E' feito do oiro e da prata
Com que ella andava a esmolar.
O resplendor brilha tanto,
Sua luz é de cegar,
Lembra a Rainha uma Santa,
Postinha agora no altar.